

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
ESTUDO TOPONÍMICO
EM BAHIA HUMORÍSTICA DE EULÁLIO MOTTA

Liliane Lemos Santana Barreiros (UEFS)

lilianebarreiros@hotmail.com

Patrício Nunes Barreiros (UEFS)

patriciobarreiros@hotmail.com

RESUMO

A toponímia se integra à onomástica como ciência que estuda a motivação dos nomes próprios de lugares. A análise dos topônimos evidencia os aspectos linguísticos e históricos da sua origem, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade. O presente trabalho tem por objetivo apresentar o inventário do vocabulário toponímico presente em *Bahia Humorística* do escritor baiano Eulálio Miranda Motta. O *corpus* da pesquisa é um manuscrito inédito que foi escrito em 1933, ambientado na região de Mundo Novo e Miguel Calmon, especialmente, numa comunidade remanescente de quilombola conhecida por Mocambo dos Negros. São 50 causos sertanejos que exploram com riqueza de detalhes o cotidiano dos trabalhadores rurais, as feiras livres, as conversas com as pessoas mais idosas do lugar e revela o modo de vida, as crenças, o imaginário e os usos linguísticos. Para a análise toponímica proposta, utiliza-se como referencial teórico-metodológico Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990; 1992), Maria Cândida Trindade Costa de Seabra (2004; 2006) entre outros. Acredita-se que a recuperação do significado dos topônimos presentes na obra contribui para o conhecimento histórico e sociocultural da região, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos.

Palavras-chave: Língua. Cultura. Topônimos. Causos. Eulálio Motta.

1. *Considerações iniciais*

Eulálio de Miranda Motta (1907-1988) se dedicou por mais de sessenta anos à atividade de escritor. Farmacêutico de profissão, mas com alma e vocação de escritor, o Dr. Eulálio de Miranda Motta, como era conhecido, conciliava sua atividade literária com as demandas da fazenda, com o trabalho na farmácia e com a agitada vida política. Sua atividade como escritor foi diversificada, escreveu poesias, crônicas, panfletos, cordéis e teve uma ativa produção jornalística. As diversas práticas escriturísticas de Eulálio de Miranda Motta e a intensa pulsão pela escrita o transformaram no “cronista da cidade, das vilas, distritos e fazendas do município, convertendo em letra escrita os anseios de pessoas de diversas classes sociais e condição de vida”. (BARREIROS, P., 2013, p. 18)

Os textos de Eulálio de Miranda Motta tiveram grande repercussão e alcançaram o público alfabetizado e não alfabetizado do município de Mundo Novo e das regiões circunvizinhas, pois era comum a leitura em voz alta, principalmente, de suas poesias e de seus panfletos, nas feiras livres, nas filas dos bancos e em rodas de bate-papo. Cenários estes, muitas vezes, retratados em seus textos:

Ele escreveu diários, anotou os acontecimentos mais banais do cotidiano, redigiu cartas até mesmo para os vizinhos, passava a limpo várias vezes os mesmos poemas e, em algumas ocasiões, improvisava o suporte da escrita utilizando embalagens, pedaços de papelão e guardanapos. [...] Eulálio Motta tinha o costume de guardar suas anotações (rascunhos de cartas, de poesias, de crônicas, listas com palavras colhidas em conversas com pessoas no seu cotidiano, pesquisas para a composição de seus textos, etc.). Ele mantinha uma íntima relação com os seus manuscritos e objetos de sua memória (fotografias, cartões, livros, cartas), onze anos após a sua morte, em 1999, esses documentos foram encontrados e ainda revelavam os gestos de zelo e amor que o escritor tinha por aqueles objetos (BARREIROS, P. 2012, p. 25, 26).

As primeiras publicações do escritor, de que se tem conhecimento, ocorreram no jornal *Mundo Novo*, em 1927. Nesta ocasião, ele foi morar em Salvador para dar continuidade aos estudos e teve a oportunidade de conviver com diversos escritores como, por exemplo, Jorge Amado e Adonias Filho. Publicou livros de poesias e seus versos circulavam nas principais revistas (*A Luva*, *Renascença*, *Vanguarda* etc.) e jornais da época *O Imparcial*, *Caderno da Bahia*, *Diário de Notícias* e *A Tarde*.

Em 1933, após concluir o curso de farmácia na Faculdade de Medicina da Bahia, Eulálio de Miranda Motta retornou a Mundo Novo, fixando residência na fazenda Morro Alto. No final de 1933, ele mudou-se para o distrito de Itabira, região conhecida como Mucambo dos Negros, uma pequena comunidade remanescente de quilombo do município de Miguel Calmon, onde viveu até o início do ano de 1935. Em Itabira, abriu uma farmácia e colecionou motivos para escrever seus textos. Ele observava o cotidiano da pequena vila e o comportamento dos moradores, desde a maneira como se comunicavam, as suas tradições e crenças. Em seguida, anotava em um caderno, que intitulou de *Bahia Humorística*, palavras e expressões que lhe chamavam a atenção.

Esta pesquisa etnográfica e linguística foi empreendida por Eulálio de Miranda Motta em função da escrita do livro *Bahia Humorística* que não foi publicado pelo autor, mas o caderno ficou preservado em seu acervo. Seu intuito era publicar um livro de *causos* engraçados referentes à vida sertaneja na Bahia. Os "50 Causos Sertanejos", que integram o ca-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

verno *Bahia Humorística*, resgatam a memória local e exploram com riqueza de detalhes o cotidiano dos trabalhadores rurais, a feira livre, as conversas com as pessoas mais idosas do lugar, revelando o modo de vida, as crenças, o imaginário e os usos linguísticos. (BARREIROS, L., 2016)

Estudar o léxico dos textos de Eulálio de Miranda Motta implica acessar uma instância linguística em que estão manifestas as formas de pensar, de apreender e de categorizar a realidade, crenças, valores, hábitos, enfim, um ponto da interlocução entre língua e cultura sob a ótica do escritor. Maria Tereza Camargo Biderman (1998, p. 12) afirma que as palavras de uma língua, “[...] nada mais são que rótulos através dos quais o homem interage cognitivamente com o seu meio”. Desse modo, pesquisar o léxico de uma comunidade por meio da produção escrita de um sujeito significa desvendar os mistérios de sua história, de sua cultura e de suas relações sociais em um determinado período do tempo.

No caderno *Bahia Humorística* destacam-se as listas de nomes de lugares, de animais e de pessoas (familiares de Eulálio de Miranda Motta ou com quem ele tinha alguma relação comercial). Este vocabulário onomástico é de grande relevância para compreender o uso dessas lexias nos textos, pois Eulálio de Miranda Motta costumava anotar o que lhe chamava a atenção e depois escrevia sobre o assunto, o lugar ou alguém.

Neste trabalho, tem-se por objetivo apresentar o inventário do vocabulário toponímico presente em *Bahia Humorística*. A recuperação do significado dos topônimos presentes na obra contribui para o conhecimento histórico e sociocultural da região, uma vez que, nesse campo, trabalha-se com um léxico que conserva antigos estágios denominativos.

2. A perspectiva teórica para os estudos toponímicos

A onomástica integra a lexicologia, caracterizando-se como a ciência da linguagem que tem como objeto de estudo o ato de nomear pessoas e lugares. Entre as suas áreas de estudo, destacam-se: a toponímia e a antroponímia. A toponímia estuda a motivação dos nomes próprios de lugares e a Antroponímia estuda os nomes próprios de pessoas, os sobrenomes e os apelidos. De acordo com Maria Cândida Trindade Costa de (2006, p. 1954):

À onomástica interessa o nome – distinto da palavra – pois pressupõe um nomeador e um nomeado, uma representação externa à qual ele se une: o no-

meador (sujeito, emissor ou enunciador), o objeto nomeado (o espaço e suas subdivisões conceptuais, que incorpora a função referencial, sobre o que recairá a ação de nomear), o receptor (ou o enunciatário, que recebe os efeitos da nomeação, na qualidade de sujeito passivo). Nessa transmigração a palavra se desloca do sistema lexical para o sistema onomástico, transcodificando-se, ou seja, do plano onomasiológico da língua (da designação) se integra ao plano semasiológico (da significação). Na construção do processo denominativo, a palavra incorpora o conceito dessa operação mental, cristalizando o nome e, assim, possibilitando a sua transmissão às gerações seguintes. (SEABRA, 2006, p. 1954)

Esta necessidade de nomear os seres, os objetos e os lugares é uma prática que está presente na humanidade desde os primórdios, pois “é o nome que dimensiona a pessoa e caracteriza o humano e o animado, polarizando sua atividade sociolinguística” (DICK, 1998, p. 77). Os nomes não somente designam seres e coisas, mais que isso expressam questões que vão além do dito e do escrito, valores e significados que ultrapassam o próprio nome. Segundo Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1990):

A história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se inter cruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropológicos. (DICK, 1990, p. 19)

Os topônimos são frutos de uma escolha por parte do nomeador, de acordo com seus valores e sua visão de mundo, os quais são histórica e socialmente determinados. Para Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 19), a toponímia apresenta-se “como a crônica de uma comunidade, gravando o presente para o conhecimento das gerações futuras”, registrando a mentalidade de uma determinada época.

Portanto, a análise dos topônimos evidencia os aspectos linguísticos e históricos da sua origem, considerando o processo político-cultural que envolve a nomeação de uma localidade.

3. Os topônimos em *Bahia Humorística*

No caderno *Bahia Humorística*, Eulálio de Miranda Motta escreveu 50 *causos* de tom humorístico, que abordam temáticas diversificadas, relacionadas a questões políticas e sociais. Sobre política, destacam-se: a compra de votos na eleição – “Oi, seu Filipe ali da Laguinha sabê a lê, é inleitou, e toda vêis qui tem inleição êle ganha um pá de sapato pra mode

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

votá” (BARREIROS, L., 2016, p. 90); o socialismo – “pegue-se aquela burra entregue-se a aquele cavalo, e aí está um casamento socialista!” (BARREIROS, L., 2016, p. 107); o comunismo – “Ouço dizê qui vem aí um tá de cumunismo que não respeita muiê casada, nem moça, nem nada! Emquanto o deabo desse sujeito não passá ela não sae!” (BARREIROS, L., 2016, p. 112); o integralismo – “Domingo. Dia de feira no arraial de Itabira. Eu esplicava aos ‘brasileiros que trabalham e sofrem’ o que é o integralismo” (BARREIROS, L., 2016, p. 158); o partidarismo político no sertão – “A fiscalização municipal matou uma porca e jogou-a no posto de A... Este, oposicionista de rampa e tampa, vio naquilo uma pirraça da situação” (BARREIROS, L., 2016, p. 123); e a limpeza das ruas de Mundo Novo, como se evidencia no *causo Inferno*:

[...] Esta minha terrinha não é somente a cidade mais feia do Brasil. É, também, a cidade mais suja do Brasil. O deposito do lixo é a linha central das ruas. Os donos das casas, de um lado e de outro de cada rua, varrem seus respectivos terreiros, empurrando o lixo para o centro. De mês em mês, de dois em dois mezes, quando ha “verba”, a prefeitura manda passar a vassoura na cidade... [...] Isto é assim hoje e nunca foi de outro modo...

[...] Pois bem, com as pouquinhas chuvas que tem aparecido nestes ultimos dias, as ruas estão daquele jeito... Daí a expressão formidavel de um tabareo que passou, ha pouco, de calças arregaçadas, pés na lama, tangendo um animal com caças de carne: –

– Êrre, cus deabo! qui o seo inferno fôsse chiquêro, quando os home desta terra chegasse lá pensava qui nan tinha morrido... Tava im casa... (BARREIROS, L., 2016, p. 117-119)

Um tema também recorrente, nos *causos* foi a cobrança dos altos impostos na época, agravando o sofrimento do pobre sertanejo:

Ninguém escapou ao lançamento do celebre imposto de capitação, creado pelo capitão Juracy Magalhães. Ninguém escapou. Pobres lavradores, donos de cinco, dez tarefas de terra, tiveram de pagar o imposto e, o que é peor, pagar com multa porque não pagaram em tempo, nem fizeram reclamação dentro do praso legal. (BARREIROS, L., 2016, p. 136)

Na política local, a participação de Eulálio de Miranda Motta foi bastante efetiva. Ele lutou pela melhoria da qualidade de vida dos cidadãos mundonovenses e exerceu importante influência com a publicação e circulação de seus textos. Eulálio de Miranda Motta dava voz ao povo, ele fazia ecoar as queixas da população: “Deabo duns home qui ganham tanto dinheiro do governo, e nem pra mandá carçá estas rua de peda!” (BARREIROS, L., 2016, p. 124)

Sobre os aspectos sociais, os temas que se destacam são: a seca – “Os mantimentos, plantados com as pouquinhas chuvas de maio estão munchando, morrendo; os pastos estão se acabando; sofrimentos horri-veis ameaçam cair sobre o sêrtanejo já carregado de sofrimentos” (BARREIROS, L., 2016, p. 151); a chegada do automóvel no sertão – “Vamin-cê pode crê qui não hai neste mundo bicho pra corrê mais que otomove. Enquanto o deabo coça um oio otomove travessa o mundo dum lado pra outro” (BARREIROS, L., 2016, p. 82); o preconceito racial – “Vamos mudar de assunto que evem chegando um papel queimado... [...] Sou pa-pel queimado e tenho prazer disto. Porque papel queimado tem a vanta-gem de não servir para limpar os quartos de ninguém...” (BARREIROS, L., 2016, p. 106); e os problemas de saúde que afligiam a população na época como o alto índice de morte em partos feitos em casa, o impalu-dismo, a febre amarela, entre outros.

Além disso, Eulálio de Miranda Motta explorou o cotidiano da ci-dade de Mundo Novo e do campo, as questões culturais como as anedo-tas contadas nas praças, descreveu os dias de feira livre, a linguagem do matuto, que busca falar difícil para impressionar, as cantigas de roda e o trabalho das curandeiras na região, como em *Sinha Cristina*:

Queixava da “curadeira” Minervina, moradora na “Lagôa Redonda”, que não soube dar jeito á doença da Maria, sua irmã. [...] Eu bem dizia a Maria; bem qui lhe abri os óio. Nunca pude me entrá cum aquela muié. Deabo de uma muié cheia de remelexo, de lodaço. A muié reza, a muié acende vela, a muié apaga vela... gente, quanto licotixo! Disse que a doença de Maria era tres isprito; qui tirou dois mais qui o outro nan pode tirá porque ta morto dento. Nunca vi isprito Morrê! (BARREIROS, L., 2016, p. 154-155)

Os exemplos destacados dos *causos* de *Bahia Humorística*, evi-denciam registros da memória local, demonstrando o cotidiano das pes-soas do campo, por meio de textos escritos com tom humorístico e enri-quecidos por uma linguagem típica sertaneja. Gláucia Aparecida Batista assinala que:

[...] o causo é uma narrativa oral não-ficcional, ainda que para o ouvinte às ve-zes pareça evidente a presença de elementos ficcionais, ele não se assume co-mo tal, apresentando-se como um relato de fatos vividos ou testemunhados por aquele que conta, podendo também ter sido ouvido e transmitido por ou-trem. [...] Quando o fato que deu origem ao causo não foi vivido ou testemu-nhado por quem conta, é dada a referência: diz-se quem contou. [...] O lugar do acontecimento sempre é mencionado. Assim como o lugar da ocorrência, o tempo é referido (BATISTA, 2007, p. 102).

Os elementos pontuados por Gláucia Aparecida Batista encon-tram-se presentes nos *causos* de Eulálio de Miranda Motta, pois em sua

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

maioria são conversas que ele ouviu na comunidade. A data e o lugar do acontecimento quase sempre são mencionados como, por exemplo, no *causo Lampeão*:

Antonia preta é uma agregada de Dona Elvira, proprietária da fazenda Riacho do Ouro, que se limita com o Morro Alto. Antonia, coitada, é uma creatura simples, que faz panelas de barro e não conhece o trem. Apesar de morar a poucas leguas da estrada de ferro, nunca Antonia preta viu um trem (BARREIROS, L., 2016, p. 116, grifo nosso)

Nesse sentido, o léxico toponímico é um elemento bem presente nos *causos*. Dentre os topônimos inventariados, destacam-se: Feira de Sant’Ana, Monte Alegre (atual município de Mairi), Djalma Dutra, Piritiba, França, Morro do Chapéu, Serra de Itiúba, Serra dos Cristais, Arraial da Palmeirinha, Arraial de Itabira, Canabrava, Alto Bonito, Mundo Novo etc.

De acordo com Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992, p. 10), um nome próprio de lugar é constituído por dois termos, um genérico e um específico: o genérico indica o acidente a ser nomeado (rio, fazenda, córrego, serra, ribeirão). O termo específico, ou topônimo propriamente dito, refere-se ao termo denominativo como *Ipoeirinha* de Fazenda Ipoeirinha: “Vaca-parida era o antigo nome da Fazenda Ipoeirinha”. (BARREIROS, L., 2016, p. 135)

O modelo de classificação taxionômica de Maria Vicentina de Paula do Amaral Dick (1992), que analisa o signo toponímico quanto ao caráter motivacional, é dividido em duas categorias: onze de natureza física – astrotopônimos, cardinotopônimos, cromotopônimos, dimensiotopônimos, fitotopônimos, geomorfotopônimos, hidrotopônimos, litotopônimos, meteorotopônimos, morfotopônimos e zootopônimos) e dezesseis de natureza antropológica – animotopônimos ou nootopônimos, antropotopônimos, axiotopônimos, corotopônimos, cronotopônimos, ecotopônimos, ergotopônimos, etnotopônimos, dirrematopônimos, hierotopônimos, historiotopônimos, hodotopônimos (ou odotopônimos), numerotopônimos e poliotopônimos).

Maria Cândida Trindade Costa de (2004), ao tratar da natureza semântica da denominação dos topônimos, reafirma o vínculo do nome ao lugar e divide em acidente físico e acidente humano:

Ao acidente físico está relacionada a geografia da região: rio, ribeirão, cachoeira, córrego, morro. Já ao acidente humano, relacionam-se os lugares habitados pelo homem e as construções por ele realizadas como cidade, distrito,

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

povoado, fazenda, sítio, pequenas propriedades, habitações isoladas no meio rural, pontes. (SEABRA, 2004, p. 49)

Dentre os 35 topônimos inventariados e analisados, até o momento, foram identificados: 23 de natureza antropocultural e 12 de natureza física. A seguir, registram-se os topônimos em ordem alfabética com a variação gráfica em itálico (quando ocorre) e o respectivo número de ocorrências no *corpus*. Entre colchetes, a grafia atual.

Nº	TOPÔNIMOS	NÚMERO DE OCORRÊNCIA
1	Arraial de Alto Bonito	7 vezes
2	Arraial de Itabira	4 vezes
3	Arraial de Palmeirinha	6 vezes
4	Bahia	5 vezes
5	Brasil, <i>Brasi</i>	5 vezes
6	Canabrava	5 vezes
7	Djalma Dutra	2 vezes
8	Fazenda Ipoeirinha	2 vezes
9	Fazenda Morro Alto	2 vezes
10	Fazenda Riacho do Ouro	1 vez
11	Fazenda Vaca-parida	3 vezes
12	Feira de Sant'Ana [Feira de Santana]	3 vezes
13	França	2 vezes
14	Mina Gerá [Minas Gerais]	1 vez
15	Mucambo	4 vezes
16	Mundo Novo	20 vezes
17	Orobó	1 vez
18	Rio de Janeiro	1 vez
19	Santo Amaro	1 vez
20	São Felix	1 vez
21	São José	1 vez
22	São Paulo	1 vez
23	São Salvador [Salvador]	1 vez

Quadro 1 – Relação dos topônimos de natureza antropocultural.
Fonte: Bahia Humorística.

Nº	TOPÔNIMO	NÚMERO DE OCORRÊNCIA
1	Cachoeira	1 vez
2	Lagôa do Milho	1 vez
3	Lagôa Redonda	1 vez
4	Laguinha	1 vez
5	Monte Alegre, <i>Mont'Alegue</i>	6 vezes
6	Morro do Chapeo [Morro do Chapéu]	1 vez
7	Rio Capivary	1 vez
8	Rio Jacóipe [Rio Jacuípe]	1 vez
9	Serra da Palmeirinha	1 vez

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

10	Serra de Itiuba	1 vez
11	Serra dos Cristaes	5 vezes
12	Tanquim [Tanquinho]	1 vez

Quadro 2 – Relação dos topônimos de natureza física Fonte: *Bahia Humorística*.

4. De Mucambo dos Negros à Itapura

Mucambo dos Negros foi uma pequena comunidade remanescente de quilombo, uma espécie de Palmares alagoano, em suas inferiores proporções (IBGE, online). Fundada no final do século XIX por escravos fugidos, a pequena vila localiza-se no vale das serras do Mocambo, no interior da Bahia.

No início da década de 1930, uma companhia de extração de minério instalou-se na vila. A pequena comunidade constituída por uma dezena de famílias de ex-escravos viu-se invadida por mineiros e comerciantes de várias partes do país. Passou a se chamar Itabira pelo Decreto-lei nº 9117 de 11 de setembro de 1934, distrito do município de Miguel Calmon (BA) e conta hoje com pouco mais de 500 habitantes.



Figura 1 – Localização de Itabira em Miguel Calmon-BA. Fonte: IBGE Cidades.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

O topônimo Itabira é de origem indígena. Em tupi-guarani, significa “a pedra que brilha”. Acredita-se que a motivação do nome seja pela forte presença indígena na região, aliada a descrição precisa do lugar, tendo em vista que as serras do Mucambo eram exploradas por mineradoras. Além disso, vivia-se no Brasil um processo de “tupinização” da toponímia brasileira. Portanto,

[...] a busca de uma identidade nacional, afastada dos moldes europeus, já havia sido despertada nos brasileiros desde a independência do Brasil (1822), quando, imbuídos pelo espírito anticolonialista e nacionalista, passaram a identificar o índio como herói nacional (PRUDENTE; ABBADE, 2016, p. 120).

O escritor Eulálio de Miranda Motta registrou em seus *causos* os dois topônimos *Mucambo* e *Itabira*:

– Dizem qui no Mucambo tá apareceno um trem.

– Um trem?!

– Inhôrsim.

– Então Mucambo está bem melhorado! Quando eu tiver de decer vou tomar o trem no Mucambo...

– Vamicê já pega cas caçuada de Vamicê! Vamicê bem qui tá sabeno qui né trem de vapô de decê pra baixo.

– Então como é o trem de Mucambo?

– É um bicho qui tá apariceno denoite e fazeno istripulia. Dizem que aparece adispois das dez e só desaparece adispois qui o galo canta (BARREIROS, L., 2016, p. 128).

O nome de *Itabira* só consta nos três últimos *causos*, provavelmente escritos em 1934, nos quais Eulálio de Miranda Motta retrata o dia de feira no arraial, o uso da sentina: “A’ noite lhe mostrei a sentina, dizendo-lhe sertanejamente: — ali é para desapertos” (BARREIROS, L., 2016, p. 159) e os usos e costumes do povo: “O senhor que me apareceu para ‘pegar o serviço’, era desses matutos que gostam de falar difícil (BARREIROS, L., 2016, p. 160).

A partir do Decreto Estadual nº 1.978 de 01/01/1944, Itabira passou a se chamar Itapura. Também de origem indígena, significa “a pedra que emerge”. A mudança de nome ocorreu após o Decreto-lei nº 5.901, de 21 de outubro de 1943, emitido pelo Presidente da República, Getúlio Vargas, que “dispõe sobre as normas nacionais para a revisão quinquenal da divisão administrativa e judiciária do país” (BRASIL, 1943). Este De-

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

creto-lei estabeleceu no artigo 7º normas para eliminar a repetição de toponímicos de cidades e vilas no país:

I – Quando duas ou mais localidades tiverem a mesma denominação, esta prevalecerá para a de mais elevada categoria administrativa ou judiciária, na seguinte ordem de precedência: Capital, sede de Comarca, sede de Termo, sede de Município, sede de Distrito (BRASIL, 1934).

Itabira também corresponde ao nome de uma cidade em Minas Gerais, que foi descoberta em 1698. Este distrito foi elevado à condição de cidade com a denominação de Itabira, pela Lei provincial nº 374, de 09 de outubro de 1848 (IBGE, 1959).

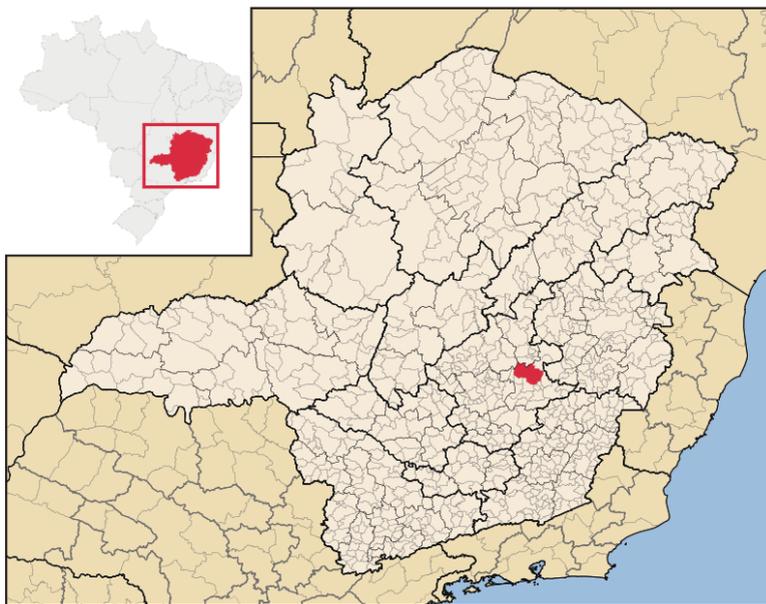


Figura 2 – Localização de Itabira em Minas Gerais. Fonte: IBGE Cidades.

Como Itabira de Minas Gerais pertencia a uma categoria administrativa mais elevada, foi necessária a mudança de nome para Itabira de Miguel Calmon (BA), que passou a se chamar Itapura.

5. *Considerações finais*

Para se conhecer um grupo social, não basta apenas pesquisar a sua história, os seus costumes ou o ambiente em que vive, é necessário

observar-se a forma peculiar utilizada por ele para representar a realidade que o circunda. É por meio da língua escrita e/ou falada que se organiza e mantém integrado o conhecimento acumulado ao longo das gerações. O léxico de uma língua constitui-se num inventário aberto, mutável, que representa a visão de mundo e a cultura do povo que o usa. Ele descortina não só os traços linguísticos, ou as evoluções semânticas, mas também questões culturais. (BARREIROS, L., 2012).

As anotações, pesquisas e a obra literária do escritor Eulálio de Miranda Motta constituem-se em um riquíssimo acervo, tanto no sentido linguístico quanto histórico, pois oferece uma oportunidade de estudo da realidade linguística da região e possibilita a realização de um trabalho de investigação científica que, certamente, ampliará o conhecimento acerca do sertão baiano em seus aspectos linguístico, social e histórico.

Nessa perspectiva, o vocabulário utilizado pelo Eulálio de Miranda Motta revela a sua experiência investigativa junto às comunidades rurais da região de Mundo Novo e o seu intuito de divulgar o universo sociocultural do semiárido baiano. Neste trabalho, apresentou-se o inventário toponímico na obra *Bahia Humorística*. Estudo que vem sendo realizado com o intuito de classificar as taxas toponímicas e assim resgatar a história de algumas cidades do interior da Bahia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAHIA. 1 de janeiro de 1944. *Decreto nº 12978*. O distrito de Itabira passou a se chamar Itapura. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=292120>. Acesso em: 04-08-2016.

_____. 11 de setembro de 1934. *Decreto nº 9117*. Estabelece a criação do distrito de Itabira. Disponível em:

http://www.ibge.gov.br/cidadesat/historicos_cidades/historico_conteudo.php?codmun=292120>. Acesso em: 04-08-2016.

BARREIROS, Liliâne Lemos Santana. *Bahia humorística: causos sertanejos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2016.

_____. *Bahia humorística de Eulálio de Miranda Motta: edição e estudo lexical de causos sertanejos*. 2012. Dissertação (Mestrado em Estudo de Linguagens). – Departamento de Ciências Humanas, Universidade do Estado da Bahia, campus I, Salvador.

II CONGRESSO INTERNACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA
XX CONGRESSO NACIONAL DE LINGUÍSTICA E FILOLOGIA

BARREIROS, Patrício Nunes. *O pasquineiro da roça*: edição dos panfletos de Eulálio Motta. 2013. Tese (Doutorado em Letras e Linguística) – Instituto de Letras, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

_____. *Sonetos de Eulálio Motta*. Feira de Santana: UEFS, 2012.

BATISTA, Gláucia Aparecida. *Entre causos e contos*: gêneros discursivos da tradição oral numa perspectiva transversal para trabalhar a oralidade, a escrita e a construção da subjetividade na interface entre a escola e a cultura popular. Dissertação (Mestrado em Linguística Aplicada) – Universidade de Taubaté, São Paulo, 2007.

BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, 1998, p. 11-20.

BRASIL. Decreto-lei no 5.901, de 21 de outubro de 1943. Dispõe sobre as normas nacionais para a revisão quinquenal da divisão administrativa e judiciária do país. *Diário Oficial da União*, Seção 1, 23 out. 1943, p. 15750. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/De15901.htm>. Acesso em: 04-08-2016.

DICK, Maria Vicentina de Paula do Amaral. O sistema onomástico: bases lexicais e terminológicas, produção e frequência. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. (Orgs.). *As ciências do léxico*: lexicologia, lexicografia, terminologia. Campo Grande: UFMS, p. 77-88, 1998.

_____. *Toponímia e antroponímia do Brasil*: coletânea de estudos. 3. ed. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas da FFLCH/USP, 1992.

_____. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo. Edições Arquivo do Estado, 1990.

IBGE. Itabira. In: _____. *Enciclopédia dos municípios brasileiros*. Rio de Janeiro: IBGE, 1959, vol. 25, p. 240-245. Disponível em: <http://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv27295_25.pdf>. Acesso em: 04-08-2016.

IBGE. Cidades – Bahia. *Miguel Calmon*. Disponível em: <<http://cidades.ibge.gov.br/painel/historico.php?lang=&codmun=292120&search=||info%EF3ricos:-hist%EF3rico>>. Acesso em: 04-08-2016.

Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos

PRUDENTE, Clese Mary; ABBADE, Celina Márcia de Souza. Nomeação e renomeação do espaço: considerações sobre a “tupinização” da toponímia baiana. *Cadernos do CNLF*, vol. XX, n. 02 – Lexicografia, lexicologia, fraseologia, terminologia e semântica. Rio de Janeiro: CiFEFiL, 2016, p. 116-126.

SEABRA, Maria Cândida Trindade Costa de. Referência e onomástica. In: *Múltiplas perspectivas em linguística: anais do XI Simpósio Nacional e I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (XI SILEL)*. Uberlândia: ILEEL, 2006, p. 1953-1960

_____. *A formação e a fixação da língua portuguesa em Minas Gerais: a toponímia da Região do Carmo*. 2004. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). – Faculdade de Letras, UFMG, Belo Horizonte.